

## Índice

Primeiro Dia	
Arne	13
Kathrine	57
Emil	95
Iselin	117
Solveig	161
Kathrine	199
Jostein	217
Turid	267
Arne	297
Kathrine	321
Iselin	347
Jostein	355
Turid	371
Segundo Dia	
Egil	381
Solveig	455
Vibeke	479
Arne	509
Turid	557
Jostein	573
Da Morte e dos Mortos — Um ensaio de Egil Stray	611
Agradecimentos	667
Notas	669

A escuridão adensava-se sobre o mar, e ocorreu-me que os rapazes estavam, naquele preciso instante, a dormir na casa atrás de mim. Esta ideia repentina agradou-me e tranquilizou-me de tal modo que, ao início, não a consegui largar e tentei, ao invés, mantê-la viva e descobrir o que tinha de tão atraente.

Como lançáramos as redes de pesca poucas horas atrás, imaginei que as mãos deles cheiravam ainda a sal. Nunca na vida as teriam lavado sem lhes ter ordenado que o fizessem. Gostavam de tornar a transição entre o estado de vigília e o sono o mais breve possível: despiam-se, enfiavam-se na cama e fechavam os olhos sem sequer apagarem a luz, se eu não interviesse e lhes relembrasse que deviam lavar os dentes e a cara e pousar na cadeira as suas peças de roupa devidamente dobradas.

Naquela noite, não lhes dissera nada, e tinham-se simplesmente aninhado nas suas camas como se fossem animais de pernas compridas e pele glabra.

Mas não era por isso que me sabia tão bem pensar neles deitados nas respetivas camas.

O que tanto me agradara fora constatar que não existia qualquer relação entre eles e o cair da noite. Que eles estavam a dormir enquanto, fora dos seus quartos, a luz se escapulia das árvores e do solo da floresta para cintilar fugazmente no céu, antes de também este escurecer e em toda a paisagem restar apenas um foco de luz — o luar que se refletia em tons espectrais na baía.

Sim, fora isso que me fascinara.

A ideia de que nada parava, de que tudo continuava sem cessar, de que o dia dava lugar à noite, a noite ao dia, o verão ao outono, o outono ao inverno, que a um ano se seguia outro, de que eles eram parte de tudo isso naquele exato momento, enquanto dormiam nas suas camas. Como se o mundo fosse um quarto que eles apenas visitavam.

As luzes vermelhas de sinalização no alto do mastro lampejavam nas trevas que pairavam sobre as árvores na margem oposta. Abaixo delas, entreviam-se luzes acesas nas casas de férias. Bebi um gole de vinho e agitei a garrafa para saber quanto me restava, já que estava demasiado escuro para o verificar a olho nu. Sobrava-me pouco mais de meia garrafa.

Quando era criança, julho era o meu mês preferido. Isso nada tinha de invulgar, porque era o mês mais simples e descontraído — um mês de dias longos, cheios de luz e calor. Na adolescência, comecei a preferir o outono, gostava da escuridão e da chuva, talvez porque conferia à vida uma seriedade que eu considerava romântica e com a qual me conseguia relacionar. A infância foi a época em que corri pelo mundo e simplesmente existi, enquanto a juventude foi a fase em que descobri a doçura peculiar da morte.

Entretanto, agosto passara a ser o meu mês favorito. Isso também nada tinha de invulgar, dadas as minhas circunstâncias. Afinal, eu estava na meia-idade, ou seja, no exato ponto de transição no qual o indivíduo alcança a maturação completa para logo começar — de modo lento, mas inexorável — a entrar em declínio.

Oh, agosto, mês de trevas e calor, de ameixas doces e erva seca! Oh, agosto, mês de borboletas que carregam a morte nas asas e de vespas loucas por açúcar!

Levantou-se uma ventania, ouvi o vento varrer a encosta antes de sentir na minha pele, e as folhas nas copas das árvores acima da minha cabeça restolharam por um instante antes de serenarem de novo. Um pouco como se se tratasse de uma pessoa deitada que, de repente, se mexesse e mudasse de posição após passar muito tempo imóvel. Para logo cair uma vez mais num sono profundo.

Vislumbrei, então, um vulto nos rochedos planos junto ao mar. Embora me fosse impossível identificar a pessoa do local onde me encontrava, soube de imediato que se tratava da Tove. Saltitou por entre os rochedos torneados até chegar ao atracadouro, onde tomou a vereda que subia pela encosta. Pouco depois, ouvi-a caminhar por entre as ervas bravias que abundavam abaixo do jardim.

Deixei-me ficar muito quieto. Se estivesse atenta, depressa me veria; mas a verdade é que andava distraída há dias.

— Arne? — disse ela, e parou. — Estás aí?

— Sim, estou — disse eu. — Sentado à mesa.

— Estás aqui sentado no escuro? Não podes acender o candeeiro, se faz favor?

— Posso, sim — respondi, e acendi, com um isqueiro, o candeeiro a petróleo. O pavio começou a arder com uma chama intensa e brilhante, que, com um ímpeto surpreendente, formou uma cúpula de luz no crepúsculo.

— Posso sentar-me aqui um bocadinho? — perguntou.

— Força, estás à vontade. Queres um gole de vinho?

— Tens um copo a mais?

— Aqui, não.

— Sendo assim, esquece — disse ela, deixando-se cair na cadeira de vime à minha frente. Estava a usar calções e um *top* curto, e levava calçadas galochas cujos canos lhe chegavam aos joelhos.

Nos últimos tempos, a sua cara — que, verdade seja dita, sempre fora um tanto anafada — andava inchada por conta da medicação que tomava.

— Como queiras. Eu cá bebo mais um copinho — disse eu enchendo o meu copo. — O passeio foi bom?

— Sim. Tive uma ideia pelo caminho. E é por isso que regresssei a correr.

Levantou-se.

— Vou começar agora mesmo.

— Começar o quê?

— Vou fazer uma nova série de fotografias.

— Mas são quase onze horas — disse eu. — Também precisas de dormir.

— Posso dormir depois de morrer — retorquiu. — Isto é importante. Amanhã podes tomar conta dos miúdos, já que estás de férias. Leva-os a pescar, ou coisa assim.

Algum dia te vais importar um mínimo que seja com alguém, porra?, pensei, e olhei para as luzes do mastro, que tremulavam na escuridão.

— Sim, podemos pescar, é uma ideia — disse eu.

— Ótimo — respondeu.

Vi-a atravessar o jardim rumo ao anexo branco que usávamos como quarto de hóspedes e ateliê. Uma vez lá dentro, acendeu a luz, e as janelas brilharam de amarelo por entre as árvores e os arbustos que a escuridão transformara em sombras sinistras.

Pouco depois, saiu. Com aqueles calções e as galochas demasiado grandes que lhe cobriam metade das pernas nuas, mais parecia uma rapariguinha, pensei. Não pude deixar de sentir uma compaixão enorme ante a sua óbvia fadiga e o contraste profundo entre as pernas e o *top*, que lhe assentava justo ao tronco tão pesado.

— Ah, já me esquecia de to contar: vi três caranguejos na floresta — disse ela quando se abeirou de novo da mesa.

— Presumo que as gaivotas os tenham deixado cair — disse eu.

— Mas estavam vivos — disse ela. — Vi-os caminhar entre as ervas.

— Tens a certeza? Que eram caranguejos, quero eu dizer. Não seriam outros bicharocos?

— Claro que tenho a certeza! — respondeu ela. — Pensei logo que havias de gostar de saber.

Virou-me costas e regressou ao anexo. Fechou a porta. Um ou dois minutos decorridos, ouvi música vinda de lá de dentro.

Esvaziei a garrafa de vinho e ponderei ir para a cama ou, em alternativa, continuar ali sentado. Teria de vestir uma camisola se quisesse continuar sentado no jardim.

A Tove andava pedrada há dias. Os sinais eram sempre os mesmos. Começava a enviar emails a torto e a direito, a telefonar para este e para aquele, a publicar textos longuíssimos no Facebook e a desenvolver pensamentos obsessivos acerca de coisas irrelevantes, ou que pelo menos não mereciam assim tanta consideração — como, por exemplo, quando ficava obcecada com limpezas, ou quando se lançava de cabeça num projeto que demoraria muito tempo a concluir. Outro dos sinais era a óbvia indiferença geral, o modo descuidado com que encarava todas as atividades quotidianas. Era capaz de se sentar na sanita e deixar a porta da casa de banho aberta, ou de ligar o rádio em altos berros sem se preocupar com ninguém, e, quando fazia o jantar, a cozinha parecia um autêntico cenário de guerra.

Tudo isto me irritava sobremaneira. Quando tinha, por fim, alguma energia, não a poderia canalizar para algo mais útil a todos nós? Ao mesmo tempo, sentia também alguma pena dela. Nessas ocasiões, a Tove mais parecia uma menina que, perdida, dizia sem cessar, para consigo, que estava tudo bem.

Ora, mas caranguejos na floresta? Por favor! Era impossível. Que animal teria ela confundido com um caranguejo? Ou teria simplesmente imaginado que vira os tais caranguejos?

Levantei-me e sorri. De pé, bebi o resto do vinho de um só trago, peguei na garrafa e no copo, e entrei em casa. A sala conservava ainda o calor do dia. Quando entrei, foi quase como se mergulhasse num ar quente que me rodeou a cara e a pele nua dos braços. O facto de as luzes estarem acesas intensificou ainda mais esta sensação, como se de algum modo tivesse entrado noutra elemento.

Guardei a garrafa no armário, junto de outras garrafas vazias, e pensei por um instante se as deveria meter num saco e pô-las no carro, para as levar ao ecoponto no dia seguinte, mas apercebi-me de súbito de que

algumas pessoas poderiam tirar *certas ilações* se me vissem transportar todas aquelas garrafas de uma só vez. Contudo, não valia a pena perder tempo com tais cogitações naquele momento, pois eram já onze da noite e a reciclagem das garrafas poderia decerto ficar para o dia seguinte, disse para comigo enquanto lavava o copo. Passei-o por água, esfreguei-lhe o fundo e acabei de o limpar com os dedos, para no fim o enxaguar com um pano da loiça. Devolvi-o, em seguida, ao seu lugar habitual na prateleira aberta acima do lava-loiça.

Feito.

Debaixo da prateleira, uma aranhinha descia por um fio. Não era maior do que uma migalha de pão, mas parecia saber perfeitamente o que estava a fazer. Parou, suspensa no ar, a cerca de vinte centímetros da bancada.

Nesse exato momento, uma janela bateu várias vezes seguidas. Pelo som, pareceu-me que seria a janela da casa de banho, e decidi averiguar o que se passava. Tinha razão: a janela estava aberta e embatia na parede exterior de acordo com os caprichos do vento, cuja intensidade não parava de aumentar. Enquanto a observava, a janela embateu uma vez mais na parede exterior, e a cortina ondulou no ar. Puxei de imediato a cortina para dentro e fechei a janela. Depois, comecei a lavar os dentes diante do espelho. Distraído, levantei a t-shirt e contemplei a minha barriga. Concluí, de novo, que já não identificava aquela barriga como minha, porque embora dissesse para comigo várias vezes por dia que precisava de perder peso, de começar a correr e a fazer natação, nunca chegava a pôr em prática nenhuma destas ideias. Restava-me, portanto, saber se poderia transformar aquela minha pança em algo positivo.

O maior erro que poderia cometer seria tentar escondê-la com t-shirts alguns números acima e calças largas, com a esperança de que ninguém reparasse nas minhas banhas. Mas, nesse caso, depressa me transformaria num gordo com vergonha do seu corpo. Na verdade, nessa instância seria mais do que apenas um gordo, porque, para meu embaraço, só me estaria a sujeitar ao ridículo, dando a todos os desconhecidos a oportunidade de entrever a minha insegurança e alguns dos meus receios mais íntimos.

Cuspi no lavatório, passei a boca por água diretamente da torneira e devolvi a escova de dentes ao copo na prateleira.

Ser entroncado não era másculo? Ter um pouco de peso a mais não era algo digno de um macho? Seria menos homem por isso?

O vento lá fora fazia estremecer os ramos e as folhas das árvores e dos arbustos. De vez em quando, as paredes velhas da casa rangiam sob a